

Índice

A Visão das Plantas	11
Maremoto	89
Bruma	185

Bruma

Apenas nasci, apenas dei os primeiros passos, ainda com sapatinhos de croché, eu comecei a respirar a França. Em torno de mim só havia a França. A minha mais remota recordação é de escutar, nos joelhos dum velho escudeiro preto, grande leitor da literatura de cordel, as histórias que ele me contava de Carlos Magno e dos Doze Pares. Havia aí certamente grandes lições de valor, de lealdade, de heroísmo: mas eram virtudes cavaleirescas que se provavam todas nos montes da Provença ou de Navarra. De cavaleiros portugueses, que dessem cutiladas nos mouros, nunca me contaram história alguma à lareira. Também o meu preto lia contos tristes das águas do mar. Eram as aventuras dum João de Calais. As naus afundavam-se, os gajeiros gritavam terra, mas era tudo em frios mares da Bretanha. De navegadores portugueses, em galeões portugueses, não me contaram jamais história alguma à lareira.

Eça de Queiroz

Estava a beber chá, palitava os dentes, na cozinha, a cozinheira amanhava o peixe, quando, pela janela, viu que o rapaz levava as encomendas para a carroça. O ócio abriu-lhe uma porta. Achou-se num corredor escuro. A cozinha desapareceu. Bruma pousou o queixo na mão e fechou os olhos e, então, a cabana, incandescente, apareceu-lhe entre as manchas que viu. Não era sonho ou epifania, mas descanso após tão longo caminho. Uma forte ondulação batia ao longe, apaziguada pela distância. Muito tarde na sua vida era a tempo. Foi assim que a ideia da cabana lhe apareceu.

Não tendo dinheiro, concebeu-a como um pássaro faz o ninho e, essa tarde, surripou da casa dos senhores um castiçal de latão. Justiceiro em causa própria, subtraiu à despensa lenha e sarja quanto pôde, ao longo de um Inverno. Escondeu-os no mato. A chuva encharcou a lenha e apodreceu a sarja, guardou o castiçal no quartinho, dentro de uma caixa. Aos primeiros ramos, seguiram-se sementes, rodilhas de algodão, casquilhos de janelas, um gaveto de folha de alumínio, azulejos, pregos e canas. Não se preparava para crias, mas apoderou-se de Bruma a paixão do ninho que não conhece impedimentos.

Na Primavera, arranjou corda, uma cadeira de balouço, duas mantas de lã, um saco de serradura, um martelo. O casarão era o mesmo sem aquelas coisas pequenas, e ninguém, nem a filha da cozinheira, deu por nada. Uma madrugada de Primavera, pôs-se

ao trabalho. Escolheu uma clareira fresca no bosque, desenhou com pedras um círculo e no centro do círculo cavou e drenou uma fundação. Com quatro troncos enterrados na terra desenhou os vértices de um rectângulo e, usando de nós de marinheiro e de uma correnteza de canas, ergueu uma estrutura de quatro paredes e um princípio de alpendre. Sem saber como, pensou, construía pelo menos o esqueleto, mesmo que enfezado, de um remedeio para o desterro. Sentou-se na cadeira a contemplar a obra, tapado com a manta. Não era um castelo e ele não desejou que fosse. Mas as canas enterradas nas fundações que ele mesmo cavara, contra as primeiras luzinhas nas espigas dos abetos, a impressão de que architectara uma estrutura sem cumprir ordens de ninguém, a felicidade de se ver diante de uma visão sua contentaram Bruma e deram-lhe o sentido de um rumo.

Da porta, o fumo das cigarrilhas e cachimbos. Lábios, narizes, perfumes, lama, nastúrcios. A grafonola zumbe, chuva, cochichos, tule, uma unha partida. *Não se anunciou, não, e a prima, já sabem quando partem?* Ais, rouquidão, uma colher dentro de um copo de licor de anis. A luz dançante do castiçal projectava nas paredes a sombra das caudas dos vestidos e o corte dos jaquetões, agigantava os perfis, os penteados, prolongava os pescoços, as testas, acorcondava as senhoras, emagrecia os homens, alongava o piano, que, adormecido no centro do salão, ganhava na parede dimensões de uma baleia. Dançavam e riam, revezavam-se, bebiam e fumavam. *Eles chegam a Coimbra domingo, depois disso não sei. Uva, um carregamento de pólvora e biscates. Era corrê-los à marretada.* No papel de parede, acendido pelo fogo da lareira, festim de ramagens e pavões, as voltas e os sorrisos, os bigodes e os toucados, os brindes e as salvas de palmas projectavam-se num baile de monstros maciços, pencudos, desgrenhados. Bruma mastigava em seco o abecedário, para se manter acordado e sentiu a fraqueza apoderar-se das pernas. *Haverá copos que cheguem?*, pensou, quase em voz alta. Debruçadas no piano, duas mulheres cochichavam sobre o rapaz de azul, fingindo comentar a polca. Bruma sabia os nomes, conhecia as visitas de ginjeira, mas a agitação levava-o a um serão paralelo, no qual as sombras dos hóspedes conspiravam, vaporizadas, entre o tinido dos copos

e o murmúrio engasgado da grafonola. *Encontraram o corpo na lota, um vagabundo ou coisa que o valha. Mas, venha cá, conte lá, o que é que a prima viu nele? Usa-se muito sim. E vem de Paris.* A chuva sobre as macieiras, através dos vidros, as gargalhadas dos homens, os apartes, ditos ou omitidos, lançados pela boca e os olhos, detrás dos leques e chapéus, confundidos com o colorido difuso, peneirado pelas labaredas, davam às sombras um halo acobreado e uma tonalidade infernal à recepção dos primos. Bruma fixou-se no quadro da matriarca, sobre a lareira, tentando vencer a dormência que lhe subia braços acima até à nuca. Mas a gola branca do vestido da senhora da imagem pareceu-lhe ter sido lambida pelas chamas e pelo tremular dos vultos, tudo ganhara vida, os castiçais, os nastúrcios no jarrão chinês, o canapé, as molduras, os tomos, a faiança — ou passara a um outro lado, do qual nem a sua imagem no grande espelho da sala, mirrado negro velho de gola engomada e brilhantina, nem ela o resgatava à impressão de já ter adormecido e o baile ser um sonho, a casa, uma nuvem bêbeda, e ele um ser imaginado por si mesmo, um nome num livro.

Esforçando-se para manter a boca fechada, de regresso, a divisão estava agora vazia. Só ele ao espelho, ossos e olhos, preparado para um cerimonial funesto, não sabia qual. *Saímos da carruagem e não é que damos de caras com os suspensórios do Bento? Mas, diga lá, é de marfim ou de ouro?* Nas paredes, as sombras, animadas pelo barulho, pairavam. O sono emoldurava o frenesi do convívio. Num quadro vivo diante de Bruma, volumes informes fumavam de boquilhas, mulheres batiam o tacão dos sapatos no chão e davam voltas enquanto, muito longe, do canto dum olho, uma criada ajeitava o avental atrás das costas. Enviado da casa dos senhores ao reino do sono, o salão tornara-se hemisfério embaciado do seu crânio e os convidados notas ilegíveis de um devaneio vago.

De olhos abertos, o salão chegava-lhe distante. *O primo bebia mais um? De Lisboa dizem-me que chegam seis lotes na próxima semana. Qual cavalo! Nem no burro se aguentava.* Ador-

mecera de pé. As visitas olhavam-no, como lhe fossem falar-lhe, estendiam-lhe os braços, desistiam a meio. A chuvada sobre o pomar embalava Bruma, cujo corpo o aliviara do seu peso. Era a casa, os senhores, deformados, diluídos. Seria baile ou inferno? Serão de sábado ou limbo? Na fronteira do sonho acordado, Bruma viu-se ao espelho, ladeado pelas duas criadas, junto à ombreira da porta do salão, única peça negra no tabuleiro de damas. E, longe de si, sentiu-se tão raso, tão coisa nenhuma, pormenor tão insignificante na festa, que o cansaço a que se abandonara se manchou de treva, de olhos fixos no papel de parede. Talvez fosse apenas a sonolência que levantara uma saudade súbita de si mesmo. Era ainda o casarão, gente próxima, mas a única sombra nas ramagens adamsadas era a sua, prisioneiro entre papagaios e palmeiras, velho lenço de bolso sujo, jogado ao mar da amurada do navio. Que longe do seu corpo, que anseio pela sua vida como não tivesse sido quem a vivera. *Comprei-o em Ourém, na Chapelaria Mourisca, bonito, não?* “Bruma! Podem retirar-se”, disse-lhe o senhor. Bruma não se mexeu. “Ouviu-me? Bruma, acorde homem. Por hoje, é tudo.” O velho despertou de repente, atarantado, e conteve o bocejo. A criada arrastou-o pelo braço. Combalido de sono, tombado, Bruma recolheu ao quarto dos fundos e deitou-se vestido sobre o estrado sem saber se acabara de ler o folhetim, se ouvira a voz do senhor, se sonhara com o baile. A incerteza despertou-o. Sobre a cama, o sono foi-se. Ficou a mancha de humidade que alastrava no tecto, iluminada pela lamparina. Pareceu-lhe ver o seu próprio contorno duplicado no bolor, daguerriótipo impertinente. A treva acompanhara-o e viera vingá-lo, mas chegara tarde. Restou-lhe a chuva, cantando sobre a videira. Do baile de monstros, só um fim de boca a sonho roubado. De si mesmo — e tocou a sua cara, esfregou os olhos e o cabelo curto — apenas a goma da libré e a brilhantina empastada, que lhe engordurou os dedos.